

PIMPAMRIM



Suplemento infantil do jornal:

O SECULO

• DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA-RITA •



BONS DITOS

por MANUEL FERREIRA

DE-CERTO os meus meninos devem ter ouvido falar em Diógenes, um pensador grego, que nasceu 413 anos antes de Cristo.

Deveras excêntrico, viveu sempre o mais simplesmente possível. Usava uma túnica, trazia às costas um alforje com figos, azeitonas e pão negro e arrimava-se a um bordão de peregrino. Criticava tudo e todos e dêle se conhecem muitos ditos, alguns dos quais lhes vou contar, pois são autênticas anedotas.

Como lhes disse, o grande filósofo reduzia ao mínimo a sua maneira de viver. Para se aproximar o mais possível da natureza, passava as maiores privações. Andava sempre descalço e embrulhava-se num manto. Vivia dentro duma pipa, tendo apenas como mobília uma tijela. Mas, um dia, quando seguia o seu caminho, Diógenes viu um pequenito, na fonte, a beber a água no côncavo da mão. Imediatamente, o filósofo quebrou a tijela, dizendo:

— «Esta criança fez-me ver que conservo, ainda, um objecto inútil.»
Outra ocasião, ao entrar para um

banho, viu que a água estava muito suja. Perguntou:

— «Depois de nós tomarmos banho aqui, onde é que nos lavamos?»

Doutra vez, sentou-se no meio de uma praça e começou a comer um naco de carne que, certamente, lhe haviam dado. Alguns graciosos disseram-lhe, em ar de troça:

— «Também só os cães é que comem no chão...»

Então, sorrindo-se, o pensador observou:

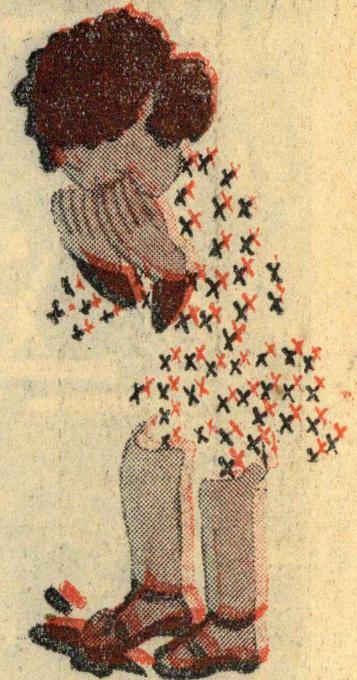
— «Cães são vocês, porque estão à espera que eu lhes atire um osso.»

Havia uma cidade muito pequena, que tinha as portas muito grandes. Então, gracejando, Diógenes disse aos habitantes que fechassem bem as portas, para que a cidade não fugisse.

A's vezes, andava nas ruas da Grécia, com uma lanterna acesa nas mãos. Preguntaram-lhe a razão, e êle respondeu:

— «An'o à procura dum homem que tenha qualidades e não tenha defeitos. Mas, até agora, não o encontrei.»

Um dia encontraram-o a estender a mão a uma estátua, e, quando lhe



preguntaram qual a razão da sua atitude, respondeu:

— «É para me habituar a pedir e não receber...»

Certa vez, um homem, com uma grande carga à cabeça, passou por Diógenes e, involuntariamente, bateu-lhe com ela. Pedindo desculpa, o homem disse-lhe:

— «Cuidado!»

— «Porquê? — respondeu o filósofo: — Queres bater-me outra vez?»

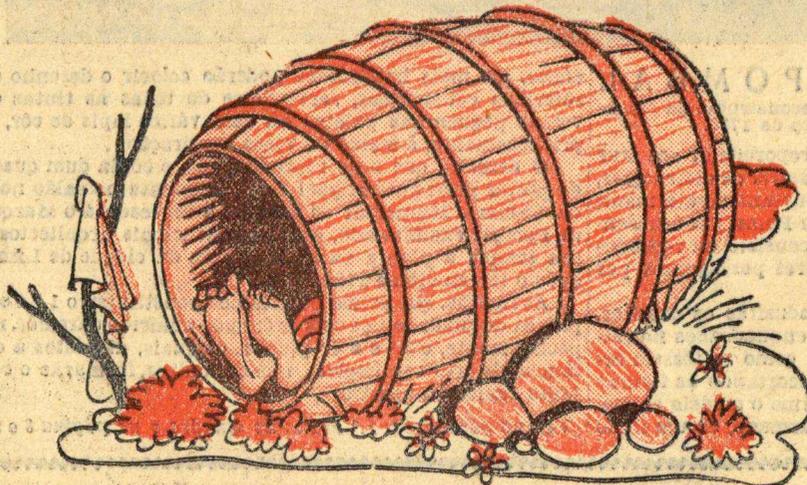
Ao atravessar uma linda ponte, que passava sobre um fiozinho de água, observou:

— «Os habitantes faziam bem se vendessem a ponte, para comprarem mais água.»

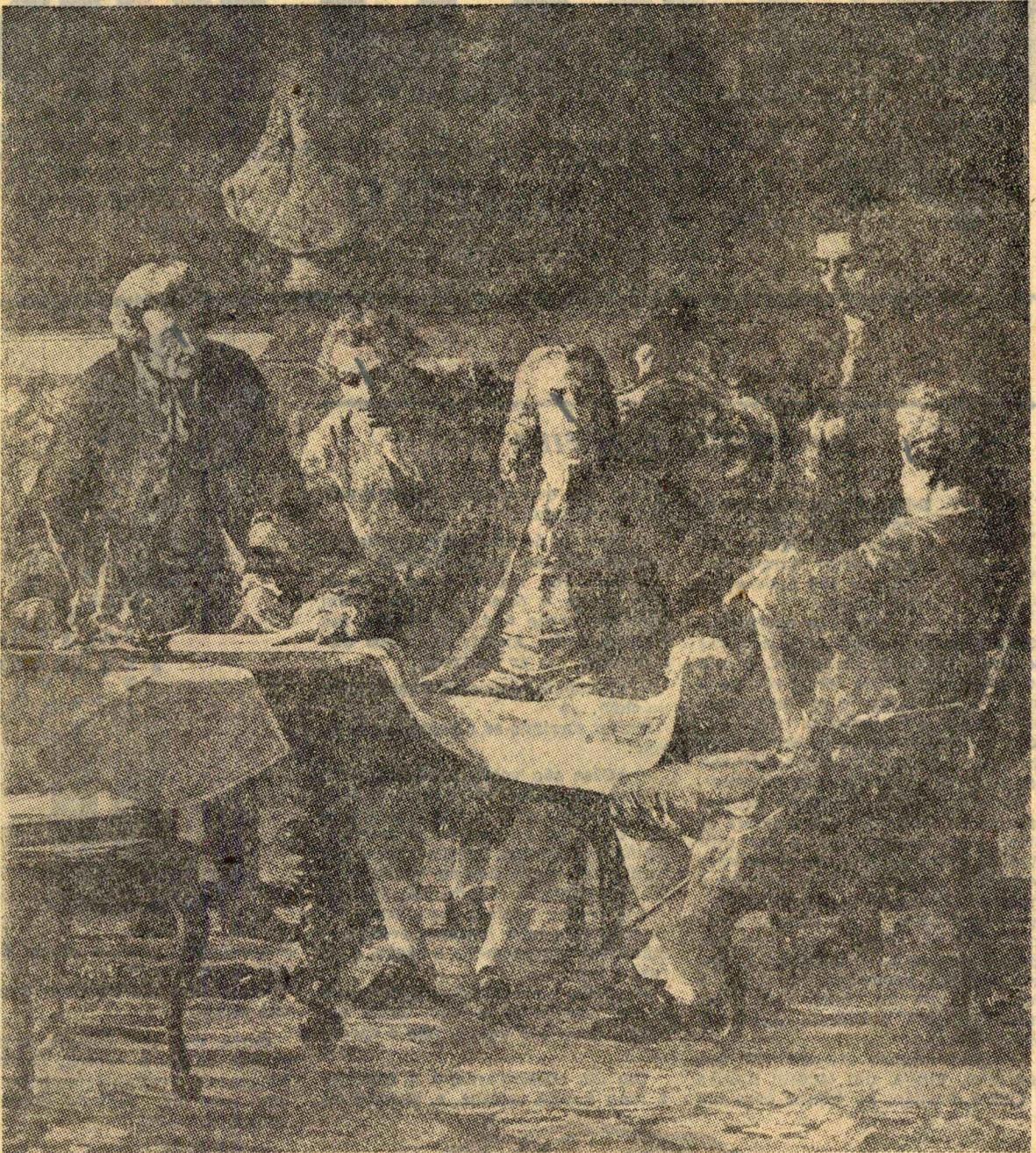
Outra ocasião, o filósofo Zeno de Elea, afirmava não existir o movimento. Diógenes ouvia-o, atentamente, e, para lhe provar o contrário, desatou a andar diante de Zeno.

Um homem malvado, mandou pôr por cima da porta da casa onde morava, um letreiro que dizia: «Nenhum homem mau passe por esta porta.»

(Continua na página 8)



UM ENTRETENIMENTO INSTRUTIVO



O MARQUES DE POMBAL

examinando a planta da reconstrução da cidade de Lisboa, após o terramoto de 1755.

O nosso suplemento, no desejo de proporcionar aos seus pequeninos leitores o maior número possível de distrações, correspondendo, assim, ao interesse constantemente manifestado pelos amiguinhos do «Pim-Pam-Pum», vai apresentar-vos um novo entretenimento que consiste na reprodução de alguns quadros célebres de autores portugueses, por forma original.

Os nossos pequeninos leitores reproduzirão os quadros, que iremos publicando nesta página, enquadrados no respectivo cenário, em planos sucessivos, como se fossem armados num pequenino palco teatral, recortando as figuras das páginas 4 e 8 colocando-as conforme o modelo acima.

O conjunto cénico será, depois de armado, de um lindo

efeito. Os mais habilidosos poderão colorir o desenho das referidas construções, servindo-se de todas as tintas das vossas pequeninas paletas ou com vários lápis de cor, caprichosamente, à mercê da vossa inspiração.

O desenho que hoje reproduzimos, é cópia dum quadro do pintor português Miguel Lúpi, existente no salão nobre da Câmara Municipal de Lisboa, e representa o Marquês de Pombal examinando, entre os principais architectos do seu tempo, a planta da reconstrução da cidade de Lisboa, após o terramoto de 1755.

As figuras, que acima publicamos, constituem o 1.º e o 2.º planos do quadro e nos dois próximos números daremos, respectivamente, o 3.º e o 4.º planos, os quais, dispostos à distância de três centímetros uns dos outros, formarão o conjunto cénico do quadro.

(Ver na página 4 o 1.º Plano do Quadro e na página 8 o 2.º)

NÃO FAÇAS MAL À CONTA DE QUE TE VENHA BEM

por MARIA

COMO contei outro dia aos meus amiguinhos, o Júlino foi para o colégio, mas, mesmo lá, continuou a fazer maldades muito feias, o que lhe tem valido diversas repressões.

A propósito, vou contar aos meninos o que aconteceu ontem no colégio.

O professor estava a ensinar os primeiros algarismos. Todos estavam com muita atenção às explicações e o professor mandou um dos alunos contar até 10.

O menino começou a dizer: — 1, 2, 3, 4, 5 e quando chegou a 6, o professor viu que o Júlino estava distraído e mandou-o dizer o número que seguia. O Júlino ficou bastante atrapalhado e não soube responder.

O mestre ralhou muito com ele e continuou a lição.

Quando todos estavam entretidos a

ouvir o professor, para se instruírem, o Júlino pegou numa caneta, molhou-a na tinta e começou a deitar borrões no caderno do companheiro!

Depois, fingindo que não era nada com ele, prestou muita atenção às explicações, à espera do resultado da sua má e feia acção.

Chegou a altura do professor pedir os cadernos com os trabalhos de casa. Quando o colega do Júlino foi mostrar os trabalhos, deixou ficar os cadernos com os borrões em cima da carteira, e tirou da mala outro muito asseado, de que o professor gostou bastante.

O Júlino ficou sem perceber nada e ainda estava a olhar para o caderno, quando o professor o chamou para ver os seus trabalhos.

Foi à mala pôs-se à procura do caderno e não o encontrou. O professor, admirado com a demora, dirigiu-se para a carteira e, vendo aquele caderno cheio

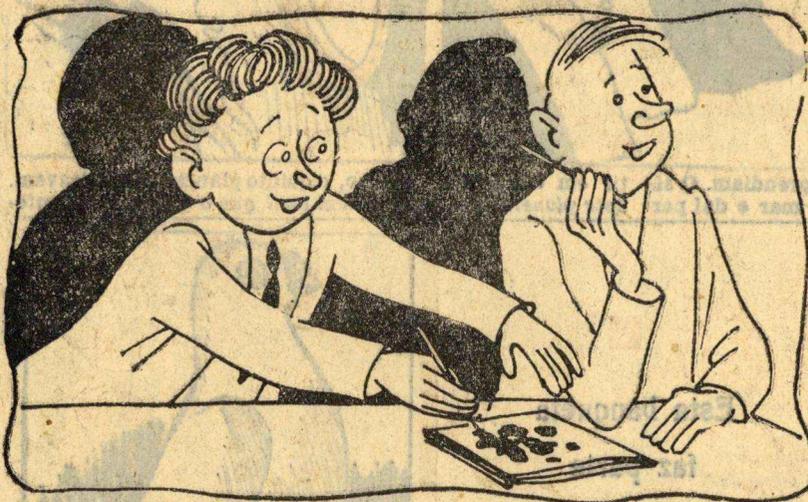


de borrões, foi à capa ver a quem pertencia, e... constatou que era o do Júlino, que já o tinha tirado da malinha, coisa de que já nem se lembrava!

Pôs-se a ralhar muito com ele e o Júlino, para não confessar a maldade que tinha feito, ouviu tudo muito calado e foi repreendido por não fazer os trabalhos com atenção. Nesse dia não foi ao recreio.

O Júlino ficou muito arrependido do que tinha feito e jurou, de si para si, nunca mais tornar a fazer mal aos companheiros.

Veremos se aproveitou a lição...



BONS DITOS (Continuado da página 1)

Diógenes, que o conhecia muito bem, perguntou, a um amigo dele:

— «Então, por onde entra o dono da casa?»

Uma vez, viu um homem a atirar setas, mas não acertava no alvo. Rindo-se, Diógenes sentou-se perto do alvo, dizendo:

— «Aqui é que eu estou bem, porque nunca me há-de acertar.»

Certo dia, um grego, muito pouco asseado, mostrava a Diógenes a casa, que era luxuosa. Diógenes, com a sua lógica, cuspiu-lhe na cara, justificando-se:

— «É o lugar mais sujo de toda a casa.»

Vou contar-lhes, por hoje, a última anedota:

Tódas as pessoas de importância, foram cumprimentar Alexandre, o grande conquistador, que chegara a Corinto. Diógenes, que vivia à margem do mundo, não abandonou a sua pipa. Alexandre resolveu, então, visitar o grande pensador. Conversou com ele, apreciando o seu talento. Ao despedir-se, o grande general grego perguntou-lhe se queria alguma coisa d'ele. Diógenes, ao ver que Ale-

xandre, involuntariamente, estava de maneira a fazer sombra à pipa, respondeu:

— «Não me tires o sol, porque é um dos bens que não me podes dar.»

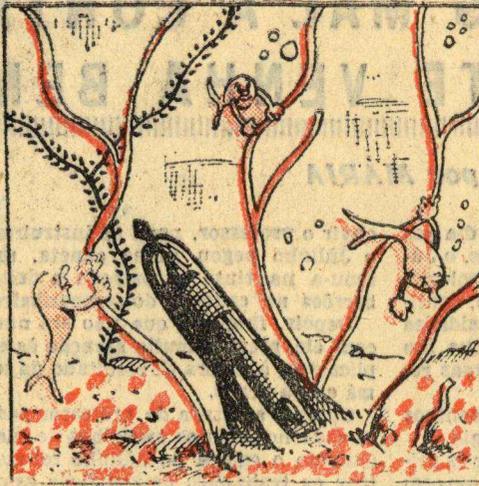
Maravilhado com a resposta do filósofo, o grande general, respondeu-lhe:

— «Se eu não fôsse Alexandre, quisera ser Diógenes.»

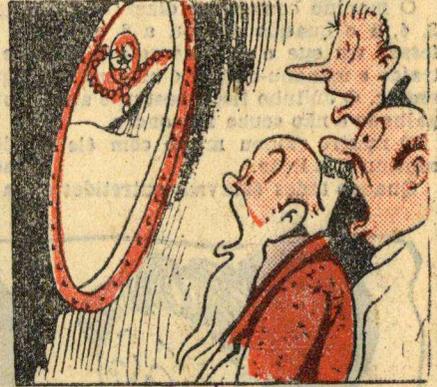
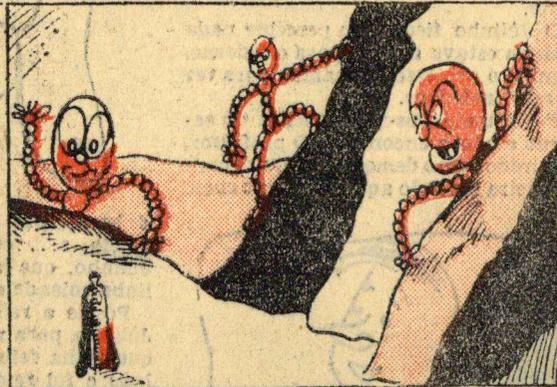
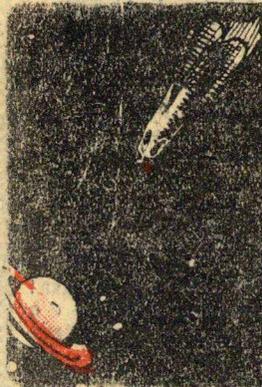
■ F I M ■

VIAGEM AOS PLANETAS

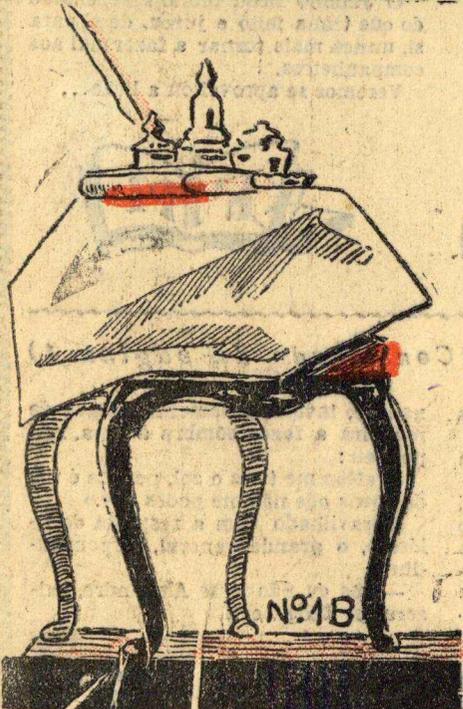
(Continuação do número anterior)



Os três amigos litavam, cheios de admiração, os estranhos peixes, quando o sábio teve uma ideia. Dirigiu-se à vigia e esteve tempos infínitos fazendo gestos, tentando mostrar a corda sensível daqueles bicharocos. Estes que não eram estúpidos, sendo afinal boas pessoas, acabaram por compreender o seu desejo. Trataram, então, de desembarcar a bala, dos estranhos vegetais que a prendiam. O sábio pôde então fazê-la subir à tona daquele mar e daí partir em direcção a Saturno, o quinto planeta que visitavam. Este planeta tem, além de um anel que o envolve, dez satélites.



raçar a bala, dos estranhos vegetais que a prendiam. O sábio pôde então fazê-la subir à tona daquele mar e daí partir em direcção a Saturno, o quinto planeta que visitavam. Este planeta tem, além de um anel que o envolve, dez satélites.



Esta banquetta
faz parte
do quadro

O MARQUÊS DE POMBAL

e
constitue
o 1.º plano



Um indivíduo que partiu para uma viagem levou um pombo correio. Na primeira estação largou o pombo com uma mensagem. Que dizia ela?

DEUS por GRACIETTE BRANCO

PARA AS MUITO PEQUENINAS RECITAREM

Quando eu só quatro anos tinha,
era muito envergonhada!
Dizia apenas — Mãezinha
e não sabia mais nada!

Olhava muito em redor
e gostava do que via.



— Um passarinho! Uma flor!...
mas nada compreendia!

Ficava horas ouvindo
o arrulhar duma pombinha
e quantas horas seguindo
o vôo duma andorinha!

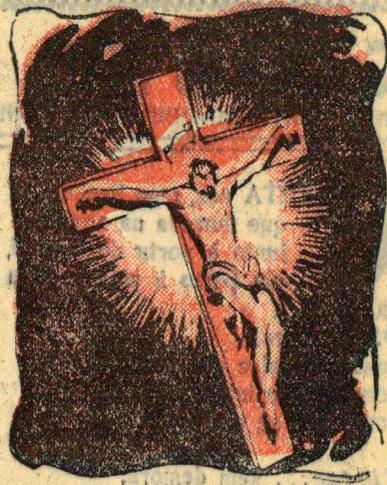
Ficava bem uma hora
a ver, com grande alvoroço,
a burrinha, andando à nora,
a tirar água do poço!

Achava lindo o Outono,
cheio de encanto e feitiço,
mas, depois, dava-me o sono
e não pensava mais nisso!

Passou o tempo, eu cresci,
á sombra clara dos Céus,
e certo dia aprendi
o lindo nome de Deus!

Foi como se eu me banhasse
numa estranha comoção!
Foi como se o Sol entrasse,
de chofre, em meu coração!

Desde então, percebo o Mundo
e êste clarão que o ilumina,
desde o Céu ao mar profundo,
desde o ribeiro à colina!

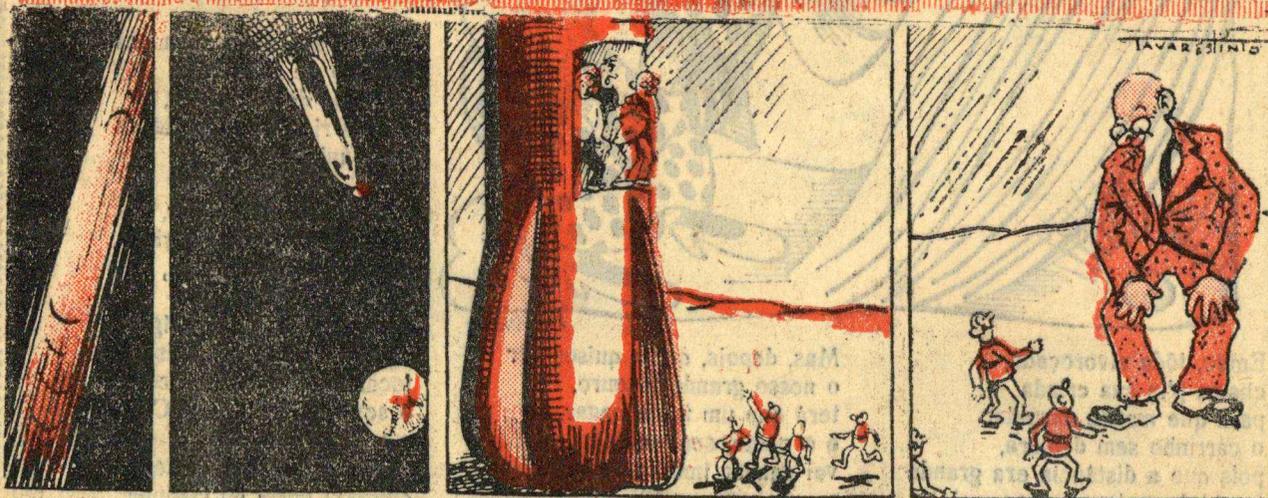


O nome de Deus palpita
no Sol e na lua-cheia,
na multidão que se agita,
no mar, nas conchas, na areia!

Nas planícies, nas campinás,
nos barcos, nas caravelas,
nos leões e nas boninas,
nas ervas e nas estrélas!

Nas asas do sonho lêve
do nosso espírito imerso!
— Deus! Palavrinha tão breve
que abrange todo o Universo!

F I M



lites. Eis o nome de alguns: Lione, Titão, Japeto, Tethys, Mindos, Rhêa, Hyperionte, etc. Apesar do volume deste astro ser 745 vezes maior do que o da terra, gira sobre si mesmo com muito mais rapidez pois que, enquanto aquela leva 23 horas e 16 minutos, êste leva, uma rotação completa, 10 horas e 15 minutos. Os dias são, portanto, muito menores, ao contrário do movimento de translação em volta do sol que lhe leva 29 anos e meio a fazer, pois está afastado deste astro 1.500.000.000 de quilômetros.

Quando a bala aterrou em Saturno, a primeira coisa que viram os nossos três heróis foram uns horripilantes

brutamontes, capazes de desfazerem o bólido com um sopro. A primeira e última, pois, quando o sábio viu uma moço-nha estender-se para a bala, fê-la partir com uma velocidade que ainda não tinha alcançado.

Tomou, depois, a direcção de Urano, o penúltimo planeta da grande viagem.

Nêste foram recebidos festivamente por uns seres pequeninos mas semelhantes aos humanos e que parecia terem também uma inteligência desenvolvida.

(Continua).

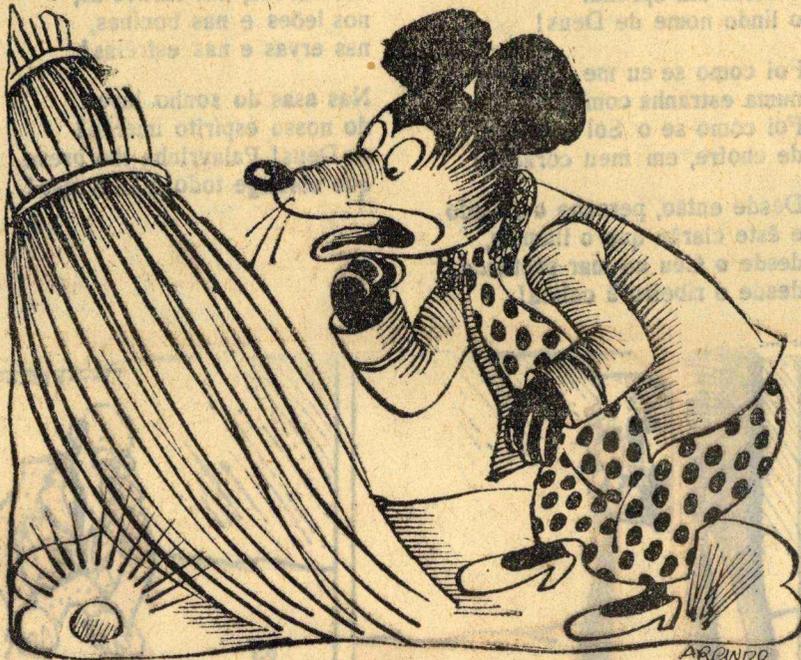
COISAS DA VIDA

POR
FELIZ VENTURA

CERTA vez, uma Ratinha que morava na cozinha junto à porta do quintal, viu perto à saia rodada

da Senhora D. Vassoura, qualquer coisa que brilhava com luz tão intensa e viva como não se vira igual.

Tic-tac... sem demora, logo a Ratinha, açodada, vai procurar a cunhada, uma gorda Baratinha, a qual mal soube tal nova, dispôs-se a ir curiosa, vêr de perto a maravilha.



Então, tôda alvoroçada, chama p'la sua criada para que mande aprontar o carrinho sem demora, pois que a distância era grande (uns' três metros, pouco mais) e não qu'ria chegar tarde, cansada de tanto andar.

Depois da ordem cumprida e da D. Baratinha ter aberto o guarda-sol, parte o carro a tôda a brida e em menos de um quarto de hora, estavam junto à Senhora

da grande saia rodada, onde a formosa Ratinha encontrára a maravilha que a deixára fascinada.

Baratinha desce lesta e, chegando junto à porta, pôs-se a gritar, de repente: — «Ai minha qu'rida Ratinha estamos bastante ricas, é um bocado de sol que temos aqui na frente.»

Vamos voltar já a casa e arranjar um bom lugar onde, com tôdas as honras, o iremos colocar.

Mas, depois, quem quiser vêr o nosso grande tesouro, terá que um tanto pagar e a gente, sem se ralar, vai ganhar imenso ouro.

As duas, sem mais demora, voltam a casa, apressadas, e, tôdas azafamadas, começam tudo a limpar. Vieram as primas Formigas as suas grandes amigas. As filhas do D. Ratão, meninas muito educadas e nada, nada orgulhosas, pois, quando era ocasião,

elas nunca se importavam das vizinhas ajudar.

Inda a tardinha ia em meio, tudo estava preparado. Um altar todo enfeitado com rendas, colchas e fitas e flores das mais bonitas, onde, em breve, o tal tesouro iria ser admirado.

Forma-se, então, um cortejo para, com solenidade, o trazer até ali.

À frente ia a Baratinha, vestida com o que tinha de melhor em sua arca, no seu carro descoberto, levando ao lado a Ratinha.

Mais atrás o D. Ratão, de chapéu alto e casaca, fazia um grande vistão, ostentando, com orgulho, as medalhas que ganhára nas guerras contra o «PIMPÃO», um enorme gatarrão que bastante mal causava entre a família Ratal.

Depois, as bebês Formigas levando de cada lado os filhos do Formigão, o mais rico de entre todos que havia na região.

E, por fim, a terminar, com muito apurmo e rigor, com uniforme de gala, do mais súbido valor, como nunca houvera igual, vinha a banda das Carochas tocando, com muito acêrto, o seu «HINO CAROCHAL»

Nisto, o faustoso cortejo chega à porta da cozinha. Apeia-se a Baratinha e logo, sem mais demora, o resto dos convidados.

Mas, de repente, a Ratinha grita com voz de aflição: — «Ai que estamos desgraçadas. Já roubaram o tesouro!»

(Continua na pág. 7)

Lê, minha menina...



NAO nos trouxe ainda a Primavera, este ano, aquele agradável eflúvio que cheira a rosas, a madresilvas e a verbenas... A Primavera este ano está mal disposta, rabugenta, sem alma de menina e com rosto de velha.

Ainda não chegaram aquelas gloriosas manhãs, plenas de Sol e de alegria, e as longas tardes, duma claridade repousante e festiva que tanto bem fazem aos nossos espíritos, saturados de chuva e de preocupações.

Tudo deveria estar no seu lugar, como Deus determinou; por isso a Primavera tinha obrigação de ser mais suave e clemente.

Esta minha oportuna dissertação acerca da Primavera, vem a propósito duma carta que recebi da mãe duma menina — Maria Madalena Teixeira das Neves — na qual essa senhora se me queixa do espirito sempre enfadado e triste, da pequenina que apenas conta 12 anos de idade!

Tal qual como a Primavera, esta menina, que está também na Primavera da vida, tem alma de velha em corpo de criança.

Tu sabes, minha querida Maria Madalena, que sou muito tua amiga, como, aliás, o sou de tódas as crianças. E à sombra dos meus conselhos que vocês se vêm acolher e é sempre com alegria que eu a tódas recebo no regaço tranqüilo da minha alma! Mas também depende muito de vocês o grau de amizade que a cada uma consagro. Quando acatam os meus conselhos e se emendam dos seus feitos defeitos, a minha amizade é ilimitável.

Por isso, minha querida Maria Madalena, eu te venho pedir que deixes de ser rabugenta e que passes a ser alegre, visto que, graças a Deus, és saudável.

A alegria é a fonte da simpatia pessoal e o grande factor da felicidade, na vida.

Com alegria e optimismo se saltam as mais difíceis barreiras.

A alegria tudo aclara e amaina, suavisa e tempera! Há sorrisos que são o melhor bálsamo!

Quási sempre uma boca que sabe sorrir e uma boca que vence!

E os teus 12 anos, Maria Madalena, (beiral florido onde a tua almita

COISAS DA VIDA

(Continuado da pág. 6)

E, com raiva, a espernear, cai desmaiada no chão.

Baratinha, como louca, nem queria acreditar. E vai de ali, praguejando, jurando, em voz furibunda, que se havia de vingar.

Agora, para findar Vou lembrar este rifão: Nunca devemos contar com que não temos na mão.

F I M

começa a debruçar-se para contemplar a vida), não comportam tristezas! E' ser ingrata para Deus, para com teus Pais, para com todos! Vá... Sou eu, é a tua grande amiga Graciette quem te ergue o rosto, firmemente, quem te mostra o Sol, o Céu, a beleza gloriosa e triunfal da Vida. Não quero mais tristezas.

Tua muito amiga

GRACIETTE

CORRESPONDENCIA

Mi-Pá-Mi — Achei muita graça à tua cartinha. Sou muito tua amiga, mas hás-de prometer-me que deixas de ser teimosa. E' um defeito muito grande. Manda-me uns versos para eu ver. Saudades.

Maria Leonor R. Amaral — Sintra. Não tenhas vergonha, minha patetinha. Eu cá estou para te ensinar. Vou gostar muito de te conhecer pessoalmente. Até breve. Vossa

GRACIETTE

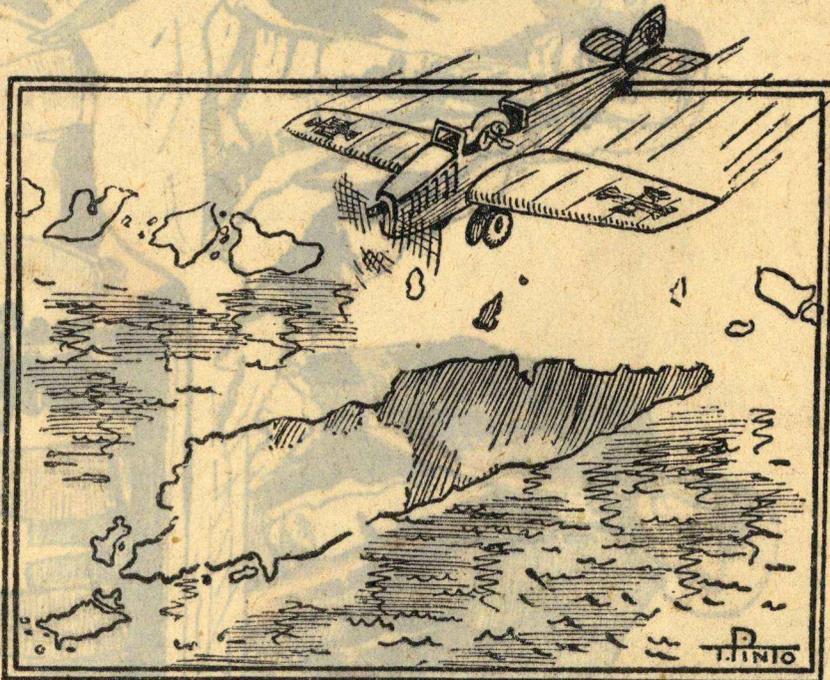
A N E D O T A

FUTURO

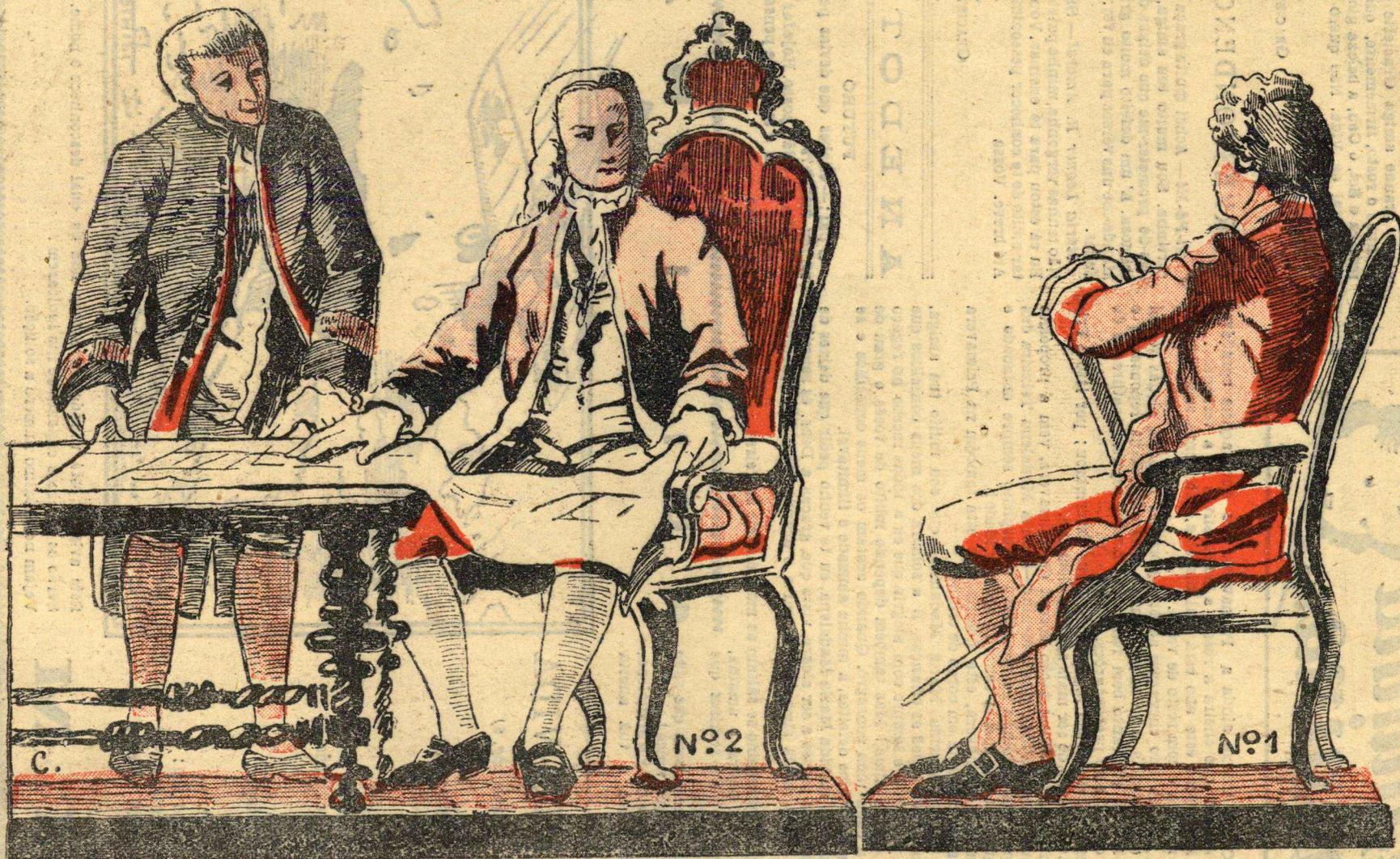
O pai: — «Sabes que devias pensar no teu futuro?»

O filho: — «Não posso. Hoje faz anos a minha noiva e tenho de pensar no presente.»

A D I V I N H A



Este avião está voando sobre uma ilha da qual desconhece o nome. Serão os meninos capazes de lho indicarem? Vejam no próximo número a solução.



O MARQUÊS de POMBAL examinando a planta da reconstrução da cidade de Lisboa. **QUADRO-CONSTRUÇÃO PARA ARMAR.**